

A ÚLTIMA HISTÓRIA

O velho médico tirou seus óculos e olhou fixamente para a menina com um olhar triste e meditativo. Tinha a resposta nos lábios e nos olhos; nesses olhos profundos, sábios e cansados que iluminam o rosto dos velhos médicos.

A seguir, levantou-se e encarou com firmeza a mãe da menina, uma senhora magra, com mãos trêmulas. Seus olhos se enfrentaram e houve como que uma faísca elétrica a queimar o último fio da esperança.

Tudo quanto tinha sido dito antes, o diagnóstico severo, a hipótese funesta, estava confirmado agora, naquele instante de tremenda dor que unia aqueles três seres no silêncio do consultório.



A rua era um forno de sol. Raios dourados infiltravam-se pelas ramagens das frondosas árvores e atingiam o solo como grossas moedas de ouro. Nas árvores brincavam os passarinhos. Nas praças brincavam as crianças. No ar havia um rumoroso som de vida que subia ao alto como um branco holocausto de fé e de otimismo.

Mãe e filha caminhavam devagar. A menina encostava seu frágil corpinho na mãe, buscando apoio para suas fracas forças, e a mãe abraçava aquela frágil estrutura com seus braços amorosos.

Nos olhinhos claros e bonitos da menina refletia-se a paisagem da cidade como em um límpido espelho. Imagens de luz que se moviam constantemente formavam uma imagem alegre em seu coração. Via tudo e absorvia-o com a avidez própria dos doentes incuráveis que sentem que suas forças se esvaem da mesma maneira inevitável como os rios correm para o mar.

oOo

-- Sua filhinha não tem cura, senhora. É possível até que ela perca a razão daqui a algum tempo. É uma coisa tão estranha que não consigo compreendê-la.

As palavras do médico ecoavam na mente da mãe. O pior para Estela é que ela era uma mulher sem fé. Desde pequena tinha perdido a fé herdada de seus pais. Tivera uma fé frágil, que não satisfaz o exame da razão e que é completamente inútil nos momentos dolorosos da vida.

Estela era uma jovem inteligente. Através de seus estudos, como costuma acontecer a muitos jovens, perdeu a sua pouca fé adquirida no lar e no catecismo. Quando menina tinha aceitado os dogmas de sua igreja da mesma maneira que tinha aceitado as histórias de bruxas e fantasmas.

Depois, ao começar a pensar por si mesma e a tomar contacto com o largo oceano de pensamentos e de filosofias humanas, a crença infantil tinha-se evaporado.

Quando se tornou professora, deu seu último adeus à fé patriarcal com uma tese que exaltava o livre pensamento. Casou-se, a seguir, com um jovem brilhante e também incrédulo. Não havia lugar no lar recém criado para o cultivo da fé cristã, único consolo nas horas difíceis da vida.

Agora ela caminhava como uma sonâmbula, ao lado de sua filhinha que estava condenada, tratando de achar em seu cérebro uma resposta, uma explicação ou um fraco consolo.

-- E ainda podemos esperar que ela perca a razão.

Isto era mais terrível que a própria morte. Uma criança louca é uma coisa tão fora do comum que ela nem podia pensar nisto sem estremecer de medo. Louca, sua Estelinha louca. Tal pensamento era como um punhal cravado em sua mente torturada.

oOo

Para a menina, aquele foi seu último passeio pela rua da realidade, sua última caminhada pela rua de concreto. Com toda a ansiedade que ainda existia em seu sangue, apalpou, olhou, aspirou o intenso perfume da vida e, talvez sem querer, porque as crianças não percebem a proximidade da morte, encheu suas mãozinhas com florzinhas que estavam ao seu alcance num jardim.

Depois entrou num mundo de sonhos e de fantasia, da mesma maneira que um astro penetra na sombra de um eclipse. Seu quarto de cor rosa, sua caminha branca onde seu corpo magrinho afundou, o grande abajur que iluminava as horas silenciosas da noite, a janela verde e fresca, por onde penetrava a luz do dia, o perfume das trepadeiras e o canto dos passarinhos, tudo era leve como uma trama de fios de seda, mas como uma gota de orvalho sobre a grama.

Aquele quarto, aquele mundo tênue e silencioso era como uma antessala para o céu. E a criança que ali estava desencarnava lentamente; era uma alma preparando-se para a grande viagem para o reino das almas.

A leveza deste mundo que lhe desaparecia só era profanado pela entrada da mãe. Amorosa, trêmula e solícita, ela velava pela filha com extrema ansiedade, espreitando sua voz, seus gestos, seus mínimos detalhes, procurando neles uma faísca de esperança para aliviar seu coração amargurado ou um sinal de maior proximidade da sepultura.

Estela sentava-se ao pé da cama, num banquinho, sonhando com a região do misterioso, no desejo de repelir a presença da morte, este terrível visitante que estava chegando sem ruído e sem violência, mas com patética certeza. Às vezes, encostava-se no travesseiro de sua filhinha, tendo as suas fronteiras encostadas, com sua mão amorosa desfiando os cabelos da menina e fazendo-lhe uma carícia. Estela então respondia aos pedidos de sua filhinha contando-lhe histórias fabulosas, velhas lendas e absurdas invenções que perturbavam a rica mente da menina prostrada.

-- Mamãe, conte-me uma história – pedia-lhe ao despertar de seus prolongados sonhos. E a mãe, solícita,

tornava a contar as velhas histórias que têm deixado muitas crianças maravilhadas e que começam com o inevitável: “Era uma vez...”

“Era uma vez...” o bosque nevado por onde passa Chapeuzinho Vermelho, com seu cesto de doces para a vovozinha doente; o lobo de dentes afiados, astuto e malandro, que tem por única inspiração sua fome; o Pequeno Polegar com suas aventuras estranhas; o Gato de Botas, com seu eficiente ajudante, o Marquês de Calabar; Aladim e sua lâmpada maravilhosa; Branca de Neve e os sete anõezinhos (talvez sua história favorita); Gúliwer e suas fantásticas viagens, ora fugindo dos pés dos gigantes, ora andando nas pontas dos pés para não amassar as casinhas dos anões; o Burrinho Mau e o Burrinho Bom; a Bela Adormecida do Bosque...

Todos os festejados personagens das velhas histórias já tinham passado pelo leito da doente, em mágica caravana vinda do passado. Fontes enfeitiçadas, cavernas de terror, cofres com tesouros fabulosos, princesas belíssimas que se transformavam em repugnantes animais e príncipes heroicos lutando valentemente com bruxas desdentadas e com monstruosos selvagens.

As palavras eloquentes corriam como as gotas de água sobre um fio metálico. E com as palavras as horas passavam, fugindo pelo estreito desfiladeiro do tempo até desembocarem num vasto vale sombrio, o vale da sombra da morte.

A menina, que era de imaginação ardorosa (talvez uma futura poetisa ou uma grande romancista, se a morte não a levasse), gostava muito das histórias. Sua mente era levada por estas regiões fabulosas, como uma pipa é levada pelo vento em seus desajeitados movimentos no céu.

Sua imobilidade permanente fazia seu pensamento viajar. Seu mundo físico e sugestivo fazia com que seus sonhos voassem pelo mundo da ideia, como uma banda de pássaros multicores. E assim vivia, apaixonada pelo desenrolar

fantástico de tais histórias, mas com sua alma agitando-se como uma folha na tempestade.

oOo

O tempo foi passando. A doença dominava inteiramente as forças da menina. O médico tinha-lhe feito sua última visita e, ao despedir-se, disse à mãe, talvez num impulso repentino:

-- A senhora sabe rezar? Então reze!

E tinha ido embora. Estela não sabia rezar. As orações da infância, quando se preparava para o catecismo, já tinham sido esquecidas. Ela também não sabia orar. Nunca tinha praticado uma religião espiritual, verdadeira, de real comunhão com Deus mediante o Senhor Jesus Cristo.

Ela não tinha o conhecimento de Deus como um Pai bondoso que concede força em qualquer circunstância da vida. Estela não era uma cristã, nem tampouco o era seu marido. E nem a menina que morria em seu leito.

A mãe ficou pensando seriamente, pela primeira vez na Eternidade e no Evangelho. Lembrou-se que ela já tinha lido muita literatura, muita poesia, muitos livros científicos e de filosofia. Mas nunca tinha lido algo acerca de Deus que a comovesse verdadeiramente. Sentia-se sem forças, e o que é pior, sem respostas para tantas dúvidas e perguntas na hora da morte.

Ela não sabia orar. E sentia-se só e fraca para suportar o golpe que seu coração pressentia e que a sua inteligência assegurava-lhe estar perto. As palavras do velho médico ecoavam em seu coração como sinos, lembrando a morte de alguém.

Uma tênue luz banhava o silencioso quarto. A cena parecia copiada do quadro de um certo pintor flamengo. Repentinamente, a menina abriu seus brilhantes olhos claros, onde parecia ter-se fixado a última chama de vida. Olhou para sua mãe, que se inclinou para ela.

-- Mamãe, conte-me uma história.

O olhar perdido da menina produziu uma tremenda dor em Estela. Pensou que todo o seu mundo de bem-estar e de felicidade conseguido até então, perdia-se com aqueles olhinhos claros e doces que deixavam transparecer o mal-estar de um cérebro doente.

Também ela afundava-se em seu lago de loucura e com ela seu marido, seu lar, seu mundo, seu tudo. Desejou morrer junto com a menina e desaparecer para sempre.

-- Mamãe, conte-me uma história.

A menina insistia. Cem vezes antes já tinha manifestado aquele desejo e outras tantas vezes tinha sido atendida. Dos lábios da mãe tinham saído relatos maravilhosos que adoçaram, as horas de sofrimento.

Não tinha mais nada para lhe contar. Nos últimos dias tinha consumido todos os seus argumentos na vida de sua filhinha que, qual vela acesa, ia-se consumindo.

Devia aceder ao pedido de sua filha. Outras vezes tinha até inventado uma história na hora. Foi mexer em um velho caixote, onde guardavam livro velhos. Começou a retirar dali livros lidos muitas vezes e até gastos. Eram histórias bem conhecidas. E então percebeu ali um livro que não se lembrava de tê-lo visto antes.

Tomou-o em suas mãos e seus dedos ficaram marcados no pó que branquejava sua capa preta. Leu seu título: “A Santa Bíblia”. De onde tinha vindo aquele livro? Lembrou-se vagamente. Tinha sido um ano antes. Estelinha a tinha chamado à porta com aquela vivacidade própria das crianças.

-- Mamãe, há um senhor que quer ver a senhora.

Ela atendeu. Era um homem alto, de olhos serenos e de sorriso vivo. Agora recordava com clareza a sua voz. Nunca tinha ouvido palavras como aquelas que ele tinha dito. A vida de Estela tinha-se desenvolvido nas tarefas do lar: sua filha, seu marido, preparara comida e sonhava com o futuro da família.

-- Este é o Livro de Deus, senhora. Contém tudo quanto é necessário para conhecermos o Caminho da Vida Eterna. É o livro que pode conduzir-nos a uma fé viva em um Cristo vivo.

É o verdadeiro alimento de nossa alma e a única luz nas trevas deste mundo.

Lembrava-se de tê-lo comprado e até tinha chegado a folheá-lo junto à porta. Depois o tinha atirado ao caixote e tinha-se esquecido dele. Agora estava novamente em suas mãos.

Estela pensou que talvez pudesse achar alguma história na Bíblia que ela pudesse ler para sua filhinha. Sentou-se junto à cama da menina e começou a folhear o livro, começando pelo fim. Encontrou um texto estranho; era enigmático, mas muito bonito. Interessou-se com ele. Seus olhos pulavam de uma linha para outra enquanto seu coração começava a palpitar fortemente.

Estava sendo levada por uma força nova e desconhecida para conceitos até então nunca imaginados. Estes mesmos conceitos faziam crescer sua emoção com tanta força neste instante terrível que causaram-lhe dor, uma dor que se confundia com felicidade.

“Vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram e o mar já não existe.

“Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.

“Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus estará com eles.

“E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram”.

Estela estava quase desmaiando de emoção. Que era aquilo? Que força magnética tinham estas frases maravilhosas? Que poder oculto havia naquela leitura? Parou de ler.

Teve a impressão que a angústia que tinha estado em sua alma durante tantos meses, dava lugar à esperança. De repente, como quando para de chover num dia de verão e o sol brilha fortemente após a chuva, sentiu sumir sua dor e

seu desespero e nascer um sentimento novo, nobre e forte. Há esperança! Há vida após a morte! Não estamos sozinhos. Há salvação para nós!

Fixou seu olhar na menina. Sorrindo, ela esperava pela última história. Estava pálida e sua respiração era difícil. Com voz leve, quase um sussurro, a jovem mãe começou a história que a criança lhe pedia e esperava.

“Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram e o mar já não existe...”

As eternas palavras de Deus chegaram à criança doente como águas de saúde. Sua imaginação voou ao céu, ao verdadeiro céu de Deus, onde está Cristo, o Salvador das crianças. De um salto transpôs as coisas terrenas para encher seus olhos com a luz verdadeira, a luz que desce do céu de Deus.

Coisa maravilhosa aconteceu: As palavras da Escritura fizeram-na ficar calma e serena e efetuaram o resultado maravilhoso de dar-lhe a esperança que é o penhor imprescindível de voar aos céus.

Enquanto seu corpo morria aqui, sua alma, fervorosa alma amante de histórias fantásticas, estava chegando às moradas eternas através da história mais verdadeira e maravilhosa que se tem escrito. Seus grande olhos claros pareciam estar vendo um mundo enorme, onde a morte não existe.

A mãe compreendeu. Sua filhinha desligava-se dos seus braços. Colocou seu rosto junto ao da filhinha e percebeu o frio na sua face. Um rumor de anjos parecia entrar pela janela aberta. A mãe apertou junto a si o corpinho rígido da menina porque sua alma já o tinha abandonado.

Em seus olhos brilhavam lágrimas puras como diamantes, lágrimas que eram a manifestação de uma dolorosa felicidade extraída do fundo de uma alma desfalecida.

Seus lábios trêmulos, porém, continuaram lendo a linda história, aquela história maravilhosa que tem o poder de

arrancar o desespero da morte, pela exposição de um acontecimento de grande importância:

“A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus e iluminou a o Cordeiro é a sua lâmpada...”

.oOo.